

LITERATURA INFANTIL: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sarah Luz da Conceição¹

Natália Dias Amorim²

Geovana Coêlho de Souza Lima³

Aziel Alves de Arruda⁴

RESUMO

Tendo como objetivo a análise da arte de contar histórias na educação infantil, como processo de formação de novos leitores, a presente pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa bibliográfica. Foram analisadas 11 pesquisas científicas sobre o tema, publicadas nos últimos dez anos, em dois consagrados acervos eletrônicos: a Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Verificou-se que a contação de histórias na educação infantil é um campo interdisciplinar, com contribuições da Educação, Letras e Artes, que abordam o tema a partir de diversas perspectivas: cultura corporal; imaginação e criatividade; expressão e comunicação; formação de professores; e incentivo à leitura. Sobre esse último ponto, há um consenso entre os pesquisadores sobre a importância da contação de histórias na formação de novos leitores, desenvolvendo o hábito da leitura como atividade lúdica e prazerosa, capaz de formar um cidadão crítico e criativo, apto para respeitar a diversidade cultural.

Palavras-chave: Contação de Histórias, Literatura Infantil, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização humana a contação de histórias é um hábito, devido à ausência de escrita. Com ela, muito lentamente, os mais velhos passaram seus conhecimentos e tradições aos mais novos e ainda hoje a arte de contar continua sendo muito importante.

¹Graduada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – saragomee20@gmail.com;

²Graduada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, amorim_na@yahoo.com.br

³Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA – geovanacslima@gmail.com

⁴Professor Doutor, do Centro Ciências da Universidade Federal do Maranhão- UFMA - Codó, aziel.arruda@ufma.br;

O processo de crescimento pessoal e social de cada ser se dá quando este é capaz de relacionar-se com o outro expressando e compreendendo mais e melhor o mundo que o cerca. Pode-se afirmar que é de extrema importância no processo de contação de histórias desempenhar o papel de formar cidadãos críticos e com capacidade de operar mudanças na realidade em que vivem. A sociedade atual exige um ser humano bem formado, que fale, escreva e se comunique bem e, sobretudo, seja sociável e crítico. O estímulo deve ter início desde a Educação Infantil. A escola proporciona para a criança a prática da contação de histórias para o desenvolvimento educativo.

Na educação brasileira encontram-se alunos em diferentes níveis de escolaridade, sem desenvolver competências para a leitura, reflexão e sem saber argumentar o conteúdo proposto. A prática da contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades. Daí a importância de o educador trabalhar a diversidade de modalidades no âmbito da contação de histórias, explorar o ambiente e estimular as crianças para a livre expressão.

Nas histórias tudo pode ser argumentado e discutido, cabe ao educador estar atento aos processos de se contar histórias, transformando-se a cada dia em bons contadores de histórias com argumentos críticos e transformadores e que repassem isso para as crianças que serão os futuros cidadãos crítico e leitores.

Isto posto, e por entender-se que o processo de contação de histórias é fundamental na Educação Infantil, este trabalho tem como tema a Literatura Infantil, delimitando-se ao estudo sobre a arte de contar histórias e sua contribuição para a formação de leitores na Educação Infantil. Tendo como problemática central: qual a contribuição da arte de contar histórias na formação de novos leitores?

Adota-se como objetivo geral *pesquisar a arte de contar histórias e sua contribuição para a formação de leitores na Educação Infantil*. Tal finalidade pode ser detalhada nos seguintes objetivos específicos: compreender como se dá a formação do leitor infantil; discutir a influência da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo das crianças; avaliar a contribuição dos professores para que o trabalho com histórias infantis seja efetivo.

Na formação da criança é necessário que ela ouça muitas histórias. Esse é o início da aprendizagem de sua aprendizagem e contribui para que ela se torne uma criança leitora. Ser uma criança leitora é percorrer um caminho de compreensão do mundo, tornando-se uma pessoa crítica com capacidade de pensar e refletir, aprimorando suas capacidades intelectuais.

O processo de aprendizagem infantil é aprimorado pelas histórias que a criança começa a ouvir ainda quando é pequena. São histórias transmitidas pelos pais, mães, avós e tios. Na contação de histórias é possível desenvolver o senso crítico, explorando opiniões, o modo de pensar, agir, socializar e, ainda, transmitir valores éticos e morais e conhecimentos.

O estudo se justifica e se faz relevante, pois, na educação brasileira encontram-se alunos em diferentes níveis de escolaridade, alguns dos quais sem o devido desenvolvimento da leitura apurada e argumentação crítica do conteúdo proposto. Sabendo da importância da leitura para a formação crítica do cidadão, uma pesquisa sobre a contação de histórias pode contribuir para o papel da educação na construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária.

Nesse sentido, entende-se que o presente trabalho não apenas favorece a pesquisa, mas todos aqueles que não conhecem o real valor da contação de histórias, os futuros pedagogos e as instituições de ensino. Entende-se que o conteúdo trará relevante aprendizado tratando do universo das histórias e suas contribuições não somente para as crianças, mas a todos que se interessam pelo tema.

Espera-se, pois, oferecer uma relevante contribuição para que os profissionais da Educação Infantil revejam a sua postura profissional no tocante ao processo pedagógico da contação de histórias na escola, pois é a partir da análise crítica da prática que é possível intervir para modificar uma realidade diferente daquela que seria ideal para o desenvolvimento favorável da nossa prática.

Em termos de organização de conteúdo, esta Introdução é seguida pelo tema **‘A Arte de Contar Histórias e a Educação Infantil** de fundamentação teórica, no qual se desenvolve a compreensão da arte de contar histórias em toda a sua complexidade. Um acento especial é dado à interface entre a contação de história e a formação de novos leitores. A seguir, detalha-se o percurso metodológico empreendido no presente estudo, em que a pesquisa de revisão bibliográfica contribuiu para se compreender as publicações científicas dos últimos dez anos sobre o tema. Há uma ênfase nas diversas áreas do conhecimento científico e nas inúmeras abordagens científicas dedicadas ao estudo do tema, de forma a apresentar a complexidade da contação de histórias em seus elementos cognitivos, afetivos, corporais, expressivos e comunicativos. Por fim, articula-se as diversas aproximações entre a arte de contar histórias e a formação de leitores na Educação Infantil, momento em que se ressalta a importância da literatura infantil na formação de um cidadão sensível, crítico e participativo.

A Arte de Contar Histórias e a Educação Infantil

A leitura está relacionada a um processo de aprendizado contínuo que requer desde cedo, um trabalho de formação de leitor que tenha um envolvimento integral com aquilo que a criança lê. Na cultura contemporânea, a educação mudou alguns pontos, o livro aperfeiçoou, mas ainda há necessidade de mudanças. É de suma importância, portanto, que o professor conheça o processo da aprendizagem em suas várias abordagens e estejam interessados nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Sabemos que as dificuldades de aprendizagem afetam um número considerável de crianças.

É necessário formar leitores, pois a leitura leva ao conhecimento, criticidade e capacidade de discernimento e tomada de decisão na formação do aluno. Conduz à aprendizagem de novos significados que propiciem aos alunos produzirem maiores conhecimentos enquanto leitores conscientes, e para que isto aconteça é preciso proporcionar

uma educação que tenha relação com a realidade de cada educando. É preciso despertá-lo para ações significativas em sua vida.

Sendo concebida como instrumento de poder através do tempo, a leitura tem assumido importante papel na sociedade. Ela contribui como decodificadora de signos entre outros aspectos de suma importância na vida do aluno. Segundo Freire (1984) os signos são os próprios fatos, acontecimentos, situações reais ou imaginárias em que sons, paisagens, imagens tendem a melhorar a relação homem-meio-mundo.

É válido ressaltar que ainda existe na sociedade pouco incentivo e interesse pela leitura e isso gera uma problemática na formação da criança. Segundo Souza (1998, p. 25) “o desinteresse pela leitura é um grave problema, pois a falta informação leva a preguiça mental e conduz a humanidade ao caos social e cultural”. Infelizmente, tal quadro conduz a sérios problemas no que diz respeito à leitura, linguagem, e construção de conhecimentos se tornando o reflexo da organização desestruturada em termos de formação de futuros cidadãos leitores e incentivadores da leitura.

A alfabetização apresenta grande índice das dificuldades de aprendizagem, sendo atualmente, o objeto de maior preocupação do sistema educacional. Para Ferreiro (1987), as crianças chegam à escola trazendo uma bagagem de experiências diversas que não podem ser desconsideradas. É do educador a tarefa de intervir no sentido de possibilitar avanços nos conhecimentos dessas crianças, desenvolvendo e aperfeiçoando a prática pedagógica. Segundo Zilberman e Moysés (2005, p.15): “A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto”.

Parte importante na vida da criança desde a mais tenra idade, a literatura constitui alimento precioso para sua alma. É conhecendo a criança e o mistério delicioso do seu mundo que podemos avaliar todo o valor da literatura em sua formação. As crianças têm um mundo próprio, todo seu, povoado de sonhos e fantasias.

A leitura requer uma valorização na sala de aula, devendo ser trabalhada com vários recursos que operam como facilitadores do desenvolvimento cognitivo das crianças. Para isso é importante que sejam incentivadas e levadas para a biblioteca, fazer leituras com elas, trabalhar com contação de história - com fantoche - e valorizar o lúdico. Essas são atividades capazes de desenvolver a criatividade de cada criança.

O professor é um dos maiores responsáveis por despertar o interesse e colaborar para formar o hábito da leitura em seus alunos. É através do incentivo e de seu trabalho docente que a criança será conduzida ao hábito da leitura.

A formação de um leitor crítico depende de como esse leitor recebe a leitura, de como ele vê a leitura. O mundo ao redor do aluno é vasto em estímulos interativos (televisão, outdoor, letreiros, etc.) que servem para despertar e incentivá-lo a buscar, cada vez mais cedo, a leitura e, conseqüentemente, a escrita. Isto sem mencionar aqueles alunos cujos pais e família têm o hábito da leitura. Assim, essa reflexão revela a relação direta que existe entre o ato de ler, entre o mundo e a língua. Para que se garanta a solidez dessa relação, é necessário desenvolver o domínio do aspecto mecânico da leitura, a percepção, o reconhecimento e a compreensão do código escrito, tarefas psicológicas normalmente de responsabilidade da escola.

A criança “lê” desde pequenina: é a sua leitura de mundo e de vida. Cabe, portanto à escola, dar continuidade a este processo, e aos professores, proporcionar-lhe o ambiente adequado para que se expresse com liberdade.

Decorre daí o papel da escola em relação à leitura, que é o de oferecer aos alunos situações em que eles aprendam a ler e leiam para aprender algo, ou seja, apreender a leitura enquanto produção de sentidos. Para formar leitores é necessário que a escola coloque a criança em contato com os livros, de forma prazerosa, e abra espaço para que ela fale do que leu. É preciso também que os professores sejam leitores, que conheçam a natureza da literatura, as obras, os autores, que saibam selecionar textos e tenham se apropriado do conhecimento para estabelecer com os alunos as relações possíveis.

A escola deveria ensinar não somente pelas respostas dadas, mas, principalmente, pelas experiências proporcionadas, pelos problemas e conflitos criados, de maneira a formar o cidadão-leitor crítico, constituidor e construtor histórico de significados. A leitura é uma atividade que pode envolver qualquer área do conhecimento e, ainda, a própria vida do ser humano. É um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros, realizar discussões e exercitar a crítica a fim de fortalecer uma ação social.

Na verdade, a leitura não pode ser ensinada e sim o professor pode tornar a aprendizagem da leitura possível, incentivando a prática de leitura, pois “a leitura é conquistada com a experiência e não com o ensino” (SMITH, 1999, p. 13). Trata-se de uma experiência intelectual e também uma vivência de mundo. Levando tudo isso em consideração o professor será capaz de orientar seu aluno para uma leitura significativa.

No entanto, o que se percebe ainda hoje é que o papel da escola e do professor na formação de bons leitores permanece sem rumo certo. Somente com um absoluto comprometimento com a inovação na prática da leitura a escola poderá desempenhar o seu papel de formadora de bons leitores, dialetizando a realidade e capacitando-os à criticidade, às problematizações.

Com apoio nos estudos de Coelho (2009), a criança na fase pré-mágica, aos três anos de idade, prefere histórias de bichinhos, que envolvam brinquedos, objetos, seres da natureza com falas e características humanas, além do colorido que chama a atenção e agrada as crianças.

Entre os três e seis anos de idade a criança já consegue ouvir e prestar atenção em histórias mais longas com repetição, fase muito boa para se introduzir os contos de fadas e histórias seguidas de atividades de músicas e brincadeiras.

Com sete anos a criança gosta de histórias com aventuras, onde se percebe a interação do personagem, pois ao abstrair a criança já sabe relacionar assimilando os conceitos de família e comunidade. Aos oito anos, a criança aprecia histórias de fadas e histórias cômicas com um enredo mais abrangente. Com nove anos de idade, histórias vinculadas à realidade são bem-vindas e prendem mais este público, pois problematizam e dão oportunidade para momentos de crítica e reflexão. Já aos dez anos, a criança presta atenção em narrativas, mitos, lendas sendo um bom momento para inserir histórias que contam invenções, atividades científicas, oportunizando a criança a pensar na possibilidade de também ser uma inventora ou pesquisadora famosa e reconhecida; ideia essa que muitos levam como sonho para a fase adulta e o realizam (COELHO, 2009).

Os estudos das idades descritos podem ser encontrados no livro de Betty Coelho: *Contar Histórias uma Arte sem idade*, onde ela também explicita as fases da criança e propõe dois roteiros de teatros. Segundo Coelho (2009) a criança incide pelas seguintes fases: pré-mágica e mágica são momentos distintos de relevante interesse para a pesquisa, pois é um estudo que informa e assim transmite justificativas que ajudarão o professor no momento da escolha das histórias, norteando quais objetivos ele pode traçar e qual a melhor metodologia para se trabalhar. A importância do compasso e da repetição também foi estudada por Coelho (2009). Nas histórias é interessante proporcionar às crianças a possibilidade de interagir, pois na fase até os três anos a criança está aprendendo a falar, sendo importante para ela a interlocução com o adulto, proporcionando momentos de interação e imitação de forma prazerosa, onde a função do educador não é corrigir e sim informar aumentando a bagagem linguística da criança.

Já a partir dos quatro anos, idade em que a criança entra na pré-escola, ela também entra na fase onde é apropriado interpretar se fazendo personagem e personificar os brinquedos e objetos que encontra pela frente, afim de fazer a significação das coisas, algo que não é simples, sendo rico em desenvolvimento psíquico para o aprendiz.

Dos cinco anos em diante a criança está evoluindo em sua maneira de entender a história, tornando-se gradativamente um ouvinte mais aguçado e participativo, capaz de moldar e remontar a história que ouve recontando-a e ressignificando - a (COELHO, 2009).

Daí a obrigação do professor contador de histórias estar atento com relação às idades dos seus interlocutores para que obtenha sucesso em suas metas. A fase mágica se estende até mais ou menos os sete anos de idade segundo Coelho (2009).

Segundo Coelho (2009, p. 21): “uma vez escolhida a história passamos a estudá-la”. Isto porque o contador de histórias deve saber a história que conta, e em uma pré-leitura entender a mensagem, implícita nela, e construir a maneira como irá contá-la.

Embora possa ser vista sob perspectivas diversas, a arte de contar histórias na Educação Infantil está presente, primordialmente, como forma de introdução ao universo da leitura e da literatura infantil. Como bem notou Pablo Barbosa (2017, p. 69): “grande parte dos professores que utiliza a contação de histórias acredita que ela é uma grande incentivadora na formação de leitores”. Vimos anteriormente como a arte de contar histórias abrange também outras diversas dimensões (como a criatividade, a cultura corporal, a expressão e a comunicação), mas o destaque da literatura científica recai sobre a formação de novos leitores. Entretanto, a própria leitura pode ser compreendida por diversos ângulos.

A arte de contar histórias propõe uma experiência lúdica, recreativa e prazerosa aos educandos. Nesse ambiente de encantamento, a experiência da leitura ganha novos sentidos, pois se irmana às brincadeiras associadas pelas crianças ao momento de diversão. Essa perspectiva lúdica da arte de contar histórias perpassa muitas de suas associações com a formação de leitores. Dessa forma, Maria Silva (2012), por exemplo, destaca que a contação de histórias é responsável por despertar o interesse da criança pela literatura infantil, em um ambiente divertido que proporciona grande “incentivo à leitura” (SILVA, 2012, p. 96).

Neste contexto, a expressão “prazer” é frequentemente utilizada para qualificar a experiência de leitura proporcionada pela arte de contar histórias. Trata-se do “gosto pela leitura”, sintetizado dessa maneira por Pablo Barbosa (2017, p. 110): “Levar o público a um momento de prazer e divertimento através da leitura, e encará-la como atividade de descanso e não como obrigatória, velando o caráter do bel prazer literário, fomentando assim, o gosto pela cultura das letras e dos livros”.

A formação de leitores a partir do prazer gerado pela literatura não deve ser vista como uma atividade de menor importância. Acredita-se que esse prazer é indispensável para o hábito da leitura e vem acompanhado de diversos outros elementos do desenvolvimento humano.

Notamos o quanto a arte de contar histórias aprofunda a inserção cultural da criança em todo seu contexto social (OLIVEIRA; VYGOTSKY, 1997). A proximidade com as tradições orais e as lendas do folclore popular, presentes na contação de histórias, permite ao leitor/ouvinte compreender os valores e normais sociais pertinentes ao seu grupo de pertencimento – bem como à diversidade multicultural. É nesse sentido que Débora Vieira (2015) desenvolve uma perspectiva histórico-cultural na compreensão da arte de contar histórias como elemento fundamental na “formação da subjetividade e não pertença a uma comunidade cultural” (VIEIRA, 2015, p. 15).

O prazer e a pertença estão vinculados a um aspecto afetivo e sentimental muito destacado na amostra de publicações analisadas. Fernanda Massagardi (2014), por exemplo, observa que o “desenvolvimento intelectual” gerado pela leitura tem ressaltados seus elementos sensíveis quando inseridos na arte de contar histórias. Em outras palavras, a “educação literária”, que ocorre na formação de novos leitores a partir da contação de histórias, é orientada por uma “sensibilidade” e respeito à diversidade, capaz de contribuir para a formação de um “cidadão sensível e perspicaz” (MASSAGARDI, 2014, p. 61).

Essa sensibilidade não pode ser vista como parte indissociada do senso crítico. A própria Fernanda Massagardi observa os incentivos às crianças na construção de uma “noção de mundo e senso crítico, além de aprenderem a importância da fruição e do prazer que são parte do processo de leitura (MASSAGARDI, 2014, p.102-3). Muitos outros autores mencionam a proposta em uma leitura crítica da realidade a partir da arte de contar histórias. Em uma boa síntese, Marcelo Porto e Marina Fasanello (2012, p. 126) ressaltam a “capacidade de leitura, de análise e compreensão de texto de forma simultaneamente sensível e crítica”.

Para Marília Souza (2012), o senso crítico despertado pela arte de contar histórias advém da grande diversidade cultural que pode estar presente com a utilização de contos provenientes de diversas regiões do mundo. Trata-se do que a autora denomina como um viés “multicultural crítico”, fundamentado na democracia e na diversidade cultural (SOUZA, 2012, p. 65).

Em suma, a ideia de formação de leitores a partir da arte de contar histórias é um consenso entre os pesquisadores do tema. Seja por incentivar o prazer da literatura, seja por inserir a criança nos elementos culturais de seu contexto social, a arte de contar histórias contribui no desenvolvimento de uma cidadania crítica e sensível, com grande respeito à democracia e à diversidade cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica realizada selecionou o total de 11 publicações sobre a contação de histórias na Educação Infantil. No portal Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) haviam 03 artigos científicos sobre o tema, nos últimos dez anos; já na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram consultados 11 materiais com os descritores utilizados. Porém, 03 desses últimos materiais foram excluídos da amostra por abordarem temas relacionados à literatura infantil na educação básica, sem a utilização, contudo, da atividade pedagógica de contar histórias.

Uma caracterização mais geral da amostra consultada demonstra a interdisciplinariedade inerente ao estudo da arte de contar histórias na Educação Infantil, assim como a sua distribuição geográfica em diversos estados brasileiros.

Com relação à interdisciplinaridade, há três áreas do conhecimento que desenvolvem pesquisas sobre a arte de contar histórias na Educação Infantil: a Educação (6 publicações), Letras (3 materiais) e Artes (2 pesquisas). Um exemplo emblemático dessa interdisciplinaridade é oferecido pela publicação de Marcelo Porto e Marina Fasanello (2012), intitulada “A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica”. Na interface entre a Educação, o cinema e a arte-educação, os autores abordam a contação de histórias como atividade pedagógica na Educação Infantil, discutida no âmbito do Curso de Extensão Cinema para aprender e desaprender (CINEAD) – pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assim, envolvendo a atividade artística e performática, atrelada à literatura e à Educação Infantil, a arte de contar histórias permite um profícuo diálogo entre essas áreas do conhecimento. Outro elemento que chama atenção na análise da amostra estudada é a variedade de regiões brasileiras dedicadas ao estudo da contação de histórias. Predomina o estado de São Paulo, com 4 publicações (metade delas localizadas no interior do estado), ao lado de pesquisas realizadas em diversos outros estados, quais sejam: Minas Gerais (2), Rio de Janeiro (1), Brasília (1), Ceará (1), Goiás (1) e Mato Grosso do Sul (1). Essa diversidade regional é importante não apenas por demonstrar como as pesquisas estão disseminadas por grande parte do território nacional, mas também por considerar que frequentemente a arte de contar histórias se faz valer de um diálogo com as tradições culturais do folclore local.

Antes de analisarmos o objetivo da presente pesquisa, relacionado à arte de contar histórias como formação de novos leitores na Educação Infantil, convém apresentar sumariamente cada uma das publicações. Tal apresentação contribui para verificar a grande diversidade de abordagens e objetos de estudo que gravitam em torno da arte de contar histórias na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância da leitura na formação do cidadão, a presente pesquisa adotou como objetivo a análise da arte de contar histórias na educação infantil como processo de formação de novos leitores. Para tanto, utilizou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica, consultando as principais publicações sobre o tema nos últimos dez anos, em dois consagrados acervos eletrônicos: a Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os 11 materiais selecionados para compor a amostra analisada demonstraram a interdisciplinaridade inerente ao estudo do tema, que abrange contribuições da Educação,



Letras e Artes. Embora utilizem inúmeras formas de abordar a arte de contar histórias na Educação Infantil, há uma concentração das publicações nos seguintes temas: cultura corporal, relacionada as práticas gestuais incentivadas na contação de história; imaginação e criatividade; expressão e comunicação; formação de professores; e incentivo à leitura.

Esse último ponto, que constitui o objetivo da presente pesquisa, foi analisado com maiores detalhes. Embora haja um consenso entre os pesquisadores sobre a importância da contação de histórias na formação de novos leitores, tal temática é analisada de diferentes perspectivas. Muitos autores associam a arte de contar histórias ao “prazer da leitura”, considerando que o ambiente lúdico e divertido da contação facilita uma relação entusiasmada com a leitura. Outros autores salientam a importância da diversidade cultural, uma vez que muitas histórias contadas são oriundas de diferentes culturas. Assim, em um mundo globalizado, a arte de contar histórias seria uma forma de exercitar o respeito à diversidade cultural. Há autores que enfatizam a “sensibilidade” gerada pela literatura infantil, além do grande incentivo à criatividade dos alunos. Por fim, tal sensibilidade sempre vem atrelada ao senso crítico, na análise coletiva das histórias contadas. Conclui-se que a arte de contar histórias na Educação Infantil é uma atividade pedagógica fundamental na formação de novos leitores e cidadãos críticos, criativos e sensíveis.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. H. S. **A arte de contar histórias como metodologia e a formação do professor contador de histórias: perspectivas e desafios para o processo ensino aprendizagem.** 156 fl. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2017.
- BRASIL, M.E.S.E.F. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.
- COELHO, MB. **Contar histórias: uma arte sem idade.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- FASANELLO, M. T.; PORTO, M. F. S. **A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica.** Pro-Posições, v. 23, n. 3, p. 123-131, set./dez. 2012.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.
- FERREIRO, Emília et al. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GARCEZ, L.H.C. **Ler = muito prazer, orientações para o trabalho com a formação de leitores e com a literatura infanto-juvenil.** Brasília- DF: Editora Conhecimento, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MASSAGARDI, Fernanda Maria Macahiba. **Percursos da Literatura na Educação: ensinar contando história. 2014. (tese de doutorado – UNICAMP)**

MATOS. G.A.; SORSY. I. **O ofício do contador de histórias.** São Paulo: moderna, 2007.

OLIVEIRA, M.K; VYGOTSKY, L.S. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo, Scipione, 1997.

SILVA, Maria da Rosimi. **Interação em sala de aula: a atividade pedagógica de contar e recontar histórias.** 98 fl. Dissertação - (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Viçosa, 2012.

SMITH, Frank. **Leitura significativa.** Porto Alegre, Artmed, 1999.

SOUZA, M.S.D. **A Conquista do Jovem Leitor: uma proposta alternativa.** 2 ed. Florianópolis UFSC, 1998.

SOUZA, Marília Menezes Nascimento. **“Minha história conto eu”:** multiculturalismo crítico e cultura corporal no currículo da Educação Infantil. 292 fl. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias.** 142 fl. Dissertação – (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2015.

ZILBERMAN, R; LAJOLO.M. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias.** 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

ZILBERMAN, R; MOYSÉS, S.M.A. **Recuperando a alegria de ler e escrever.** Cadernos CEDES, São Paulo, v.44, 2005.

